



Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO
CUIDAR
O FUTURO
★

Fundação Cuidar o Futuro

11

presença

Fundação Cuidar o Futuro

NOV. 1955

presença

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA J.U.C.F.
FILIADA NA PAX ROMANA

SUMÁRIO

Poesia
Cerebralismo
O Programa da J.U.C.F.
para 1955-56
A Adolescência
Servindo a Igreja
A Questão Social
Xadrez
No Congresso em Inglaterra
Notícias de todo o
Mundo
A Palavra da Igreja
Em Férias
Aqueles que vale a pena
ler—Rosalía Castro
Página de Antologia
Actualidade: Edições da
A. C. P.



Fundação Cuidar o Futuro

EIRA

Dar poesia sem rosas é custoso.
Quem aceita uma pedra por emblema?
Do chão calcado em que repouso
Juntos me vêm o pão e o poema.

Assim, espiga e sossego
Se debulham ao sol do mesmo dia.
Árido peito cego,
Que és eira, e eu não o sabia!

Vitorino Nemésio — in «O Pão e a Culpa»

CEREBRALISMO

A desconfiança da opinião pública, motivada pela intromissão feminina no mundo intelectual, alimentou durante largos anos a veia satírica de caricaturistas e escritores. Mas com o tempo o escândalo arrefeceu, e a rapariga universitária deixou insensivelmente de se distinguir das outras raparigas; ao cruzar as portas de uma escola superior, continuou o que era — a burguesinha filha de família, ainda ocupa-la com trivialidades, que dispensa ao estudo apenas aquela atenção moderada capaz de lhe garantir a aquisição do diploma no final do curso. Um mal, sem dúvida, porque o nível universitário baixou à mediocridade e não se impõe hoje, regra geral, à consideração da sociedade do nosso tempo.

Mas da reacção que já se verifica, novo mal resultou, e não é ele senão

o retrocesso a uma situação igualmente deplorável: principia a esboçar-se entre os reais valores femininos da Universidade, certo orgulho de casta muito para condenar. Pecado de intellectuais, duplamente grave porque rouba à mulher a simplicidade humilde que é inerente ao seu próprio ser; porque a dessensibiliza perante as pequenas coisas belas de que o mundo, graças a Deus, está cheio; pior ainda, porque a faz menosprezar tarefas que não são de modo algum incompatíveis com a dignidade da inteligência consagrada à Verdade.

Importa precaver-mo-nos contra este risco, para que excessivamente cerebralizadas não repitamos como na parábola, a ladainha da auto-suficiência por causa da qual se sai do templo sem alcançar justificação.



LINHA DE RUMO...

... O PROGRAMA DA J.U.C.F. PARA 1955-56

Andou a J.U.C.F. empenhada durante todo o ano passado no estudo dos problemas infantis. Analisámos as características fundamentais da psicologia da Criança; vimos as condições em que se desenvolve a sua educação na família, na escola, na rua, em todo o ambiente social; referimos todos aqueles sectores da sua vida ou dos seus interesses em que a nossa presença é necessária.

Mas porque não satisfaz à nossa juventude o frio enunciar de princípios e porque a sociedade nos pede mais do que vagas teorias, o ano passado foi também marcado por serviço prestado às crianças — nas escolas, na catequese, nos bairros, em Colónias (de tais experiências vos falarão ao longo do ano aquelas que as viveram).

Não pode ficar inacabada a Campanha de educação que iniciámos. Este ano vamos continuá-la. Mas procuraremos dar-lhe maior profundidade de estudo e, ao mesmo tempo, mais ampla repercussão social.

Vamos debruçar-nos sobre a *adolescência*. Será o nosso tema central de estudo ao longo do ano. Da sua análise tiraremos por certo algumas conclusões no duplo aspecto da preparação para o exercício da nossa responsabilidade de universitárias e de actuação imediata junto das adolescentes.

O estudo da adolescência vai obrigar-nos a repensar e a observar numerosos aspectos da vida: o amor nas condições humanas e sociais para o seu pleno desabrochar; o ensino e a pseudo-separação de sexos na sua orientação; a formação da personalidade humana na sua expressão mais completa; a inserção e a responsabilidade de cada indivíduo na construção da vida nacional; as características especiais da vida internacio-

nal contemporânea e a sua influência na formação da juventude.

Será no conjunto desses problemas reais que encontraremos a justificação de certa desorientação muitas vezes revelada pelos adolescentes. E será, em parte, pelo seu estudo (que contém em si potencialmente a resolução) que procuraremos ajudar a adolescência. Ela estará presente no nosso programa de Formação e Acção Social, fazendo incidir sobretudo a nossa atenção e actividade na adolescência; estará presente no nosso programa cultural através do Curso de Pedagogia. E nas nossas publicações, em especial na «Presença», a rubrica «Tema de estudo», dar-nos-á em cada número os elementos indispensáveis para a preparação do trabalho a fazer pela equipa.

E não esqueceremos que podemos ajudar a resolver todos os problemas na medida em que nós próprias desejarmos clarificar e fortalecer a nossa própria vida.

Uma vivência mais profunda do cristianismo é condição indispensável para o programa de actividades. Procurá-la-emos através da seriedade do nosso estudo, da caridade sem limites da nossa vida universitária e familiar, da profundidade que pomos na meditação da equipa. E, neste aspecto, só um pedido que é também um conselho, uma advertência: não deixar de pensar, de meditar, de olhar Cristo, tal como as meditações no-lo vão mostrando ao longo do ano.

Será pelo encontro da nossa vida interior enriquecida na comunidade e da nossa actividade organizada em torno de um Tema de estudo comum, que poderemos realizar a missão única e imensa que nos cabe: a cristianização da Universidade, o amor de Cristo levado a cada uma das nossas colegas que O não conhecem.

A D I R E C C Ã O G E R A L

A ADOLESCÊNCIA

C. é uma adolescente de 15 anos. Irrequieta, muito cábula, toda dada ao desporto. Sempre a correr e aos pulos, os cabelos presos em «rabo-de-cavalo» voando por todos os lados. Numa carinha de bebé, dois olhos claros que troçam de tudo e de todos. Aparentemente sem problemas. Mas, no fundo,... «cada vez tenho menos interesse por isto ou por aquilo — é-me tudo indiferente... Nadinha me impressiona». No entanto... «eu queria fazer tantas coisas!..., mas preciso que me digam o que hei-de fazer. Se me observo vejo-me muito apressada, muito confusa, a querer passar por cima de tudo».

H. é duma extrema reserva nas atitudes e nas palavras. Apenas os olhos vivos e profundos, dizem da violência apaixonada que está para além dessa calma exterior. Há uma serena dignidade no arpumo dos seus 16 anos de estudante inteligente. Mas há interrogações sem fim no seu espírito lógico: «não, eu não quero olhar a vida em atitude de angelicidade, mas sim conseguir a plenitude, o acordo das qualidades opostas, a harmonia das notas complementares. Eu quero sair fora da mediocridade e da banalidade. Para tanto, não basta desenvolver só este ou aquele aspecto mas todos harmònicamente, segundo uma ordem. Mas como? Onde hei-de encontrar essa ordem»? E não é só ela, mas os outros também, que entram nesse mundo de inquietação onde a harmonia é requerida: ... «receio tanto o perigo de me desligar da realidade, de me fechar em sonhos e projectos, em esquecimento dos outros e daquilo que de mim esperam no momento que passa...»

L. tem 14 anos. Enfezada, um corpito de criança, uma expressão que diria quase cínica se não fosse saber-lhe a idade. E num rosto sem beleza, uns olhos que fogem, fogem e a espaços imploram e lhe dão um calor hu-



mano que a transfigura. Um dia em que ouve falar de pureza ela descobre que afinal conhecera a vida cedo demais: «Eu nunca tinha ouvido falar de pureza. Nunca ninguém me tinha dito que era belo ser pura. Eu não sabia distinguir o bem do mal. Eu pequei.» E uma luta imensa se trava nessa alma que a maldade e a inconsciência mancharam. E com a luta, a revolta. «Os meus Pais só se preocupam com a minha saúde. Os meus Pais esquecem que eu tenho uma alma.» E novamente o desânimo e a esperança numa luta que a torna grande a esgota: «... como eu desejo sair daqui, ir para algum sítio onde as pessoas sejam mais verdadeiras, mais puras. Sinto que não posso mais e que voltarei a cair.»

Três casos diferentes. Três personalidades distintas.

Mas no fundo de todas elas alguma coisa de comum. Algo que as nivela e as irmana. Em todas, a chama duma vida que busca, interroga, descobre. Em todas o deslumbramento de coisas belas e indizíveis. A suavidade dos gestos de luar e a espontaneidade dos arbustos que brotam impetuosos da terra.

Em todas, não requerida, não encenada, a Poesia.

... Rapariguinhas elegantes de famílias ricas a quem as vaidades e as festas deixam, no fundo da alma, um inenso vazio...

... Rapariguinhas dos asilos em fila pelas ruas, de olhos grando que o uniforme é uma mentira porque cada uma é diferente de todas, igual a nenhuma...

... Rapariguinhas coradas e sadias dos campos, prontas a rir e a saltar, ignorantes de tudo, corças bravias que a civilização ainda não tocou...

E eles também.

... Adolescentes desengonçados e tímidos, cheios de sonho e de ideal na alma e procurando escondê-los no fumo do seu cigarro para que os outros não adivinhem e os julguem gente crescida...

... Adolescentes-cavaleiros-de-sonho-de-princesas-encantadas a quem o mal se revela em toda a crua nudez dum encontro fortuito em ruas sórdidas...

... Adolescentes de todos os meios sociais que vivem profundamente, intensamente, misérias e grandezas, que de um nada tiram alegria esfusante e em um nada encontram os maiores desgostos da vida inteira.

Adolescência... idade das asas... Quem ousará quebrá-las?



A adolescência é verdadeiramente uma crise de crescimento. O adulto começa a tomar forma sem que a criança tenha desaparecido por completo. A angústia nasce desse conflito que não pode nunca resolver-se por uma regressão. O adolescente tem em si prenúncios de maturidade que a infância recente não deixa tornar duradouros e estáveis. Por isso ele vive permanentemente a angústia da impotência, a «dor de ser quase»... Então sentindo-se incapaz de julgar e proceder como adulto, o adolescente tem muitas vezes o desabafo: «Ah! quem me dera ter ficado sempre criança para não ter de perceber tanta coisa»!...

Esta instabilidade, esta oscilação constante entre a criança que já foi e o adulto que virá a ser, marcam profundamente toda a psicologia da adolescência.

* * *

O adolescente «vive perdido e enfiado nos recantos do eu». Do mesmo modo que a criança fez a pouco e pouco a descoberta do seu eu fisiológico, segurando-o do mundo físico exterior, também o adolescente descobre a certa altura que ele não é um com as opiniões, os gostos, as ideias dos que o rodeiam.

Nesse momento quebra-se definitivamente o cordão que o prende ao meio ambiente. Tal como a criança descobriu que tem braços e pernas, o adolescente descobre que tem inteligência e vontade e coração...

Então detém-se no exame de si próprio. Analisa-se detalhadamente.

É capaz de descrever com minúcia de romancista todos os seus estados de alma.

Ignora, porém, que tal análise só é benéfica quando sem desvios procura a verdade e é guiada pelo desejo sincero de encontrar o caminho da própria personalidade. Se assim for, a análise trará como consequência novas forças para uma tentativa cada vez mais consciente de realização plena. Caso contrário redundará em

orgulho ou em vaidade que é a caricatura burguesa do orgulho.

Só se vendo a si, só se escutando a si, o adolescente tende facilmente a convencer-se de que é excepcional e de que está num nível muito acima dos outros. Detendo-se excessivamente no exame de si próprio, julgando possuir talentos que na realidade não tem, o adolescente perde uma oportunidade única de valorizar as qualidades com que efectivamente é dotado.

Falta-lhe o realismo da objectividade. Terá que adaptar o seu mundo interior à realidade do mundo que o rodeia. Por muito rica e grande que seja a alma humana, não pode nunca substituir a verdade do que é. O adolescente terá que aceitar a Verdade que está para além dele e compreender que o seu próprio eu tem de ser encarado à luz dessa Verdade.

Voltado para si mesmo, o adolescente vive, porém, paradoxalmente, a procura do «outro». Sente-lhe angustiadamente a falta e procura na multidão informe que o rodeia umas mãos que o guiem, um coração que o ame.

Como nessa busca do «outro» ele se procura sobretudo a si mesmo, o encontro quando se realiza, não atinge o fundo da personalidade dos outros; permanece à superfície. O adolescente não descobriu ainda que o «outro» vale por si mesmo e não porque é um eco dele próprio ou porque lhe dá prazer. Falta-lhe saber que a vida só é completa e autenticamente humana quando assenta num princípio de reciprocidade total, quer dizer, quando se estabelece um diálogo entre duas pessoas com iguais direitos e igual dignidade. Falta-lhe realizar com a inteligência a descoberta do «outro».

Apesar do carácter egocêntrico da sua dádiva, o sentimento que o impele para os outros tem mais fogo e mais beleza que em qualquer outra idade da vida. Então o objecto do amor surge-lhe rodeado de todas as perfeições, tributando-lhe um culto cego e intenso, onde a lógica não tem a mínima intervenção. Por isso o amor do adolescente

Fundação Cuidar o Futuro



cimento do mundo. Dando-se conta de que enquanto criança «absorveu uma soma enorme de mentiras e tolices misturadas às verdades essenciais da vida», ele sente necessidade de vomitar tudo o que aprendeu. Daí a sua hiper-crítica, o seu agudo espírito de observação, a sua ironia latente em todas as palavras e atitudes.

Precisamente porque refaz todas as suas ideias sobre o mundo, aceita dificilmente as tradições, os preconceitos, os lugares comuns. E muito menos quando tudo isso vem informado de prosaísmo rasteiro, de comodismo, sem nenhum ideal. Ele sente que foi feito para outros destinos. Ele sabe que todos os homens «nasceram para destinos mais altos».

Ao redescobrir o mundo, o adolescente põe em jogo todas as suas potencialidades. E porque essa descoberta nasce do mais fundo da sensibilidade, a inteligência e a imaginação ganham força e cor tão intensas que deslumbram o próprio adolescente. Sente-se capaz de criar e deseja-o ardentemente. Para ele «não há alegria senão a de criar; não há outros seres além dos que criam; todos os demais são coisas que adoram pela terra, estranhas à vida».

Sente em si um mundo imenso de coisas que procura exprimir sem que muitas vezes o consiga. A pouco e pouco a incompreensão dos outros, a troça, apagam a chama. E o adolescente tão diferente, com aquele seu jeito tão peculiar de dizer as coisas como se tivessem sido acabadas de criar, vem a perder-se na massa anônima dos que nada têm a dizer, a não ser lugares-comuns. Com a sua pseudo-superioridade, os adultos enterraram talvez um sábio, um santo, um poeta...

E ao longo de toda essa efervescência interior, o adolescente busca a paz das alturas. Apaixonam-no os grandes ideais. Odeia a mediocridade e o vulgar. Ouve com insis-

tência o apelo do risco. Sente que a grandeza do homem está na «loucura» da sua doação

(«Sem a loucura que é o homem
Senão besta sadia
Cadáver adiado que procria?»).

Mas, em pleno crescimento ainda, o adolescente vive a angústia da desproporção entre o que sonha fazer e os meios inacabados de que dispõe. Longe de o ajudarem, os adultos cortam-lhe muitas vezes o voo pelos espaços abertos, chamando-o idealista e sonhador. Ignoram (talvez por comodismo) que é de Ideal que o mundo precisa. Esquecem que o sonho, quando incarna a poesia da Verdade, é condição essencial de uma vida grande.

* * *

Em todos os aspectos fundamentais de que a sua problemática se reveste, a adolescência revela a oscilação inquieta em torno dum centro de equilíbrio, a busca de harmonia, a tentativa incompleta de síntese. Sendo potencialmente a idade mais rica, a adolescência procura unificar-se. Rica de elementos dispersos e, por vezes, contraditórios, precisa de síntese que a liberte da ganga inútil e deixe, na sua pureza, os elementos essenciais. O seu drama é um drama de encontro e de unificação.

Não hão-de faltar-lhe por culpa nossa nem os instrumentos da síntese nem o apoio duma mãos amigas. Levá-lhe-emos, mais do que o calor duma amizade, uma Verdade, um Ideal que a transfigure e a apaixonone. Daremos um motivo ao seu sonho, um objectivo à sua inquietação, uma Pessoa ao seu amor.

Maria de Lourdes Pintasilgo

SERVINDO A IGREJA



«Desde o momento em que um homem se consagrou à sua obra, ela modifica-o e, se for boa, melhora-o. E quando não se trata simplesmente do homem, mas do cristão que se entrega sem reservas à sua vocação, esta não demora muito a santificá-lo.»

Estas palavras que respigamos de Georges Cheont (Simão Pedro) são em nosso entender a consagração feita aos que, esquecendo-se de si, ocupam o tempo a cumprir a vontade do Pai.

Está nestas condições a figura do venerando Presidente da Junta Central da Acção Católica Portuguesa, Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mitilene, exemplo vivo e estimulante de doação.

Ao pretendermos aqui nestas páginas testemunhar a Sua Excelência Reverendíssima o muito apreço que

as universitárias católicas de Portugal lhe votam, passamos diante de nossos olhos o período de 1898 a 1955 e penhoradas agradecemos a lição que nos deu de vivência séria e absoluta da Vocação.

Foi sempre, o Senhor D. Manuel, um intelectual autêntico e distinto, brilhante figura universitária. A J.U. C.F. que já na sua revista «Universitárias» teve ocasião de se despedir de Sua Excelência Reverendíssima por deixar então de ser seu Assistente em Coimbra, em 1941, fá-lo, hoje, de novo, respeitosamente, com votos de esplendorosa saúde e êxitos frutuozos na sua nova e altíssima missão. As universitárias procurarão sempre seguir a linha ascensional da mentalidade exemplar de Sua Excelência Reverendíssima, para bem poderem «Estar presentes e servir a Igreja».

Fernanda Rodrigues Póvoas

A QUESTÃO SOCIAL

Não empregamos hoje a expressão «*questão social*» no seu sentido lato, ou seja, referida a qualquer problema surgido das relações de dois ou mais homens entre si.

Ao contrário ele tem para nós um conteúdo bem determinado, constitui um fenómeno localizado no tempo e no espaço, com as suas causas e consequências próprias.

Esquematisando, podemos dizer que consiste no contraste existente entre a vida económica da classe capitalista e da classe proletária e que se manifesta por uma mútua desconfiança, por um espírito de revolta e de queixa constante com base na situação económica. Contudo, se esta é a origem genérica da questão social, não podemos afirmar que o seja em todos os casos particulares em que o mal-estar entre patrões e operários se manifesta. Assim encontramos por vezes operários bem pagos e patrões bem servidos que continuam a manter em relação uns aos outros essa desconfiança e mesmo oposição característica das relações patrão-operário.

A partir pois de uma origem de carácter essencialmente económico, criou-se entre as duas classes um antagonismo que se mantém até mesmo quando a causa da base económica desapareceu.

Ora, diz Leão XIII, «*o erro capital na questão presente é crer que as duas classes são inimigos natos uma da outra, como se a natureza tivesse armado os ricos e os pobres para se combaterem mutuamente num duelo obstinado*», enquanto «*na sociedade as duas classes estão destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio*».

Seguindo os ensinamentos das encíclicas sociais, «*Rerum Novarum*» e «*Quadragesi-*

mo Anno» sobretudo, podemos apontar como causas deste estado de coisas, em primeiro lugar, a «*desigual e injusta distribuição das riquezas*».

Assistiu o séc. XIX à concentração de grandes capitais nas mãos de um pequeno número, enquanto uma multidão de homens cada vez maior não tinha sequer o mínimo vital, sem que, ao menos de princípio, a cobiça dos mais fortes encontrasse por parte do Estado qualquer freio.

Referindo-se a este estado de coisas diz Pio XI que ninguém podia persuadir-se de «*que uma difejença tão grande e tão iniqua na distribuição dos bens temporais, correspondesse verdadeiramente aos desígnios sapientísimos do Criador*».

Porque, se é certo que o que importa sobretudo não é aquilo que se possui mas a terra como se possui a verdade é que, na sua maioria, a classe detentora dos capitais não os utiliza em ordem ao bem comum, mas em ordem ao seu próprio bem.

A substituição da manufactura pela maquinofactura, dando origem ao aparecimento das grandes empresas que absorvem e substituem as pequenas indústrias, — donde a modificação das relações entre patrões e operários, — conduzem à formação de duas classes que logo se opõem e tornam inimigos — a classe proletária e a classe capitalista.

Em vez do artífice preparado para o seu officio por uma longa aprendizagem, protegido pelo enquadramento na sua corporação, integrado numa forma estável numa comunidade familiar e profissional, surge-nos o operário, lançado súbitamente numa profissão até aí desconhecida e que não ama, sem qualquer protecção porque lhe é negado o direito de associar-se, arrastado



para os grandes centros industriais que não têm condições para o receber, desenraizado do seu meio natural.

Em vez do oficial que conhece os seus aprendizes a quem ele próprio ensina o ofício, surge-nos o patrão distante que não pode conhecer as centenas ou milhares de homens que emprega, despreocupado da sua sorte material e moral, visando apenas tantas vezes, o maior lucro possível. Assim o desaparecimento das relações humanas entre patrão e trabalhador dá origem a um novo tipo de relações «regidas pela brutalidade mecânica dum mundo sem alma», na palavra de Pio XII.

É toda a vida do homem, económica e social, dominada pelo capitalismo, domínio este que é facilitado e justificado pela larga difusão das doutrinas liberalistas.

Por outro lado a distância que as novas condições de trabalho haviam criado entre patrão e operário é aumentada ainda pela pregação das doutrinas marxistas que surgem com toda a força do que é novo, acrescida pela exortação à violência e à luta de classes como único meio de solucionar os grandes problemas económicos e sociais do século — a ordem existente é injusta, é necessário revê-la.

É ainda sob a influência das doutrinas liberalistas que, entre os próprios católicos, muitos negam à Igreja o direito de intervir nestes assuntos que afirmam do exclusivo domínio da Economia, esquecidos de que, porque envolvendo um aspecto da vida do homem eles deixam de ser apenas económicos para serem também humanos. Tudo o que diz respeito ao homem está sujeito à Moral, e estes problemas estão-no tanto mais quanto maior é a relação existente entre o nível económico e o nível moral.

À Igreja, porque lhe cumpre salvaguardar a vida do homem no que ele tem de especificamente humano — a vida da alma — assiste não só o direito mas também o dever de neste campo intervir e ditar não as soluções técnicas que cabem aos economistas e aos sociólogos, mas os princípios de ordem

moral que devem reger as relações entre patrões e operários, e os deveres e direitos de uns e de outros, os quais, longe de se oporem, se harmonizam e completam. E se na ordem prática, nem sempre se sacrifica esta harmonia é porque cada um se empenha mais em descobrir nas Encíclicas a enumeração dos seus direitos do que dos seus deveres.

É pois em razão deste direito que, com base numa concepção cristã de vida e orientando-se pelos ensinamentos sociais dos Papas, se tem formado a pouco e pouco um corpo de doutrina — a Doutrina Social da Igreja — que aponta os caminhos justos e dita os princípios, que, na ordem moral, devem reger aqueles que se dedicam a procurar soluções para os problemas sociais, ou que, por qualquer motivo, estão em contacto directo com eles.

Partindo desta concepção de vida e considerando a espiritualidade e destino eterno e sobrenatural do homem, a sociedade deve organizar-se de tal modo que permita e facilite a realização desse mesmo destino.

A organização da sociedade tem ainda de respeitar a autonomia da pessoa humana, a qual, sendo um fim em si, não pode ser sacrificada no que quer que seja.

Finalmente baseia-se a Doutrina Social da Igreja na identidade essencial da natureza humana — origem, direitos fundamentais e destino idênticos — e na desigualdade acessória reclamada pela ordem social — daqui a existência de uma autoridade e a distinção entre classes dirigentes e classes dirigidas.

São estes quatro princípios — espiritualidade, autonomia, identidade fundamental e desigualdade acessória da pessoa humana — que constituem os chamados pressupostos da Doutrina Social da Igreja.

Toda a solução que pretendesse ignorá-la seria errada e ilegítima por não partir duma verdadeira concepção do homem.

Maria Susana Gaspar de Almeida



X A D R E Z

NO SILÊNCIO DA NOITE...

Na Tua ausência, os girassóis eram flores largas e amarelas.

E quando a noite, tremendamente lúcida, me revelou o segredo extenso da luz, não suportei mais que não estivesses e corri a procurar-Te.

— Árvore

... guardas nos braços ninhos de cotovia e adormeces a tarde nos teus frutos...

Onde está o meu amor?

Respondeu com o seu gesto de subida.

— Terra

...a enxada feriu-te a carne, e na tua pele ficaram passos dos meninos descalços...

Onde está a minha alegria?

Respondeu com o gesto de quem dá.

— Rio

...vais não sabes aonde; corres só para seres rio e pôr colares de lua nas tranças dos choupos...

Onde está a minha certeza?

Respondeu com seu gesto de abandono.

Encontrei-Te assim naquela noite.

Porque vieste dar um sentido de eternidade a cada coisa?

Agora, os girassóis são a angústia da terra feita riso — doem-me os lábios por não caber neles a gargalhada das corolas amarelas. —

É noite. Religiosamente descansa em nós uma unção de coisas belas e sinto Deus presente em mim, em ti, nesta paz santa que nos envolve, feita de brilho de estrelas, de cantar dos ralos e de sossego de espírito.

E a alma não cabe em mim. Sinto-a evoluar-se e lá em cima encontrar-se com a tua que não coube em ti e se evoluiu. E sinto que somos Irmãs e que nem a maldade do mundo, nem a cobiça da terra, nem o orgulho, nem os vícios te farão deixar de ser minha Irmã porque as duas nos encontramos n'Aquele que é uno e supremo Pai.

E a nossa vida é o continuar do momento de convulsão, quando mãos erguidas e almas debruçadas, já não somos senão Aquele que em nós vive.

É noite. Brilha a chama alongando-se indefinidamente como a alma.

Demos as mãos, Irmãs, demos as mãos em Cristo.

Tema de meditação do Fogo de Campo

PAX ROMANA



NO CONGRESSO EM INGLATERRA

12 de Agosto

Na história da J.U.C.F. portuguesa, esta data é sinónimo de partida de uma numerosa delegação ao XXIII Congresso da «Pax Romana».

Em 1950, no Congresso de Amesterdão, a delegação portuguesa era constituída por 5 membros; agora éramos mais de trinta, as que partíamos.

Havia ainda todas aquelas «presenças-ausentes»; as que desde sempre tiveram desejo de participar no Congresso sem que todavia tivessem podido ir connosco. Nós bem sabíamos que as teríamos presentes, através da Oração e da Vida oferecida pelo Congresso. Seria uma presença velada, mas autêntica.

Em Santa Apolónia, foram as despedidas, as tradicionais despedidas em que não faltaram as rimas humorísticas e o «é só até mais ver». Num longo adeus, a comunidade ficou dividida entre as que partiam e as que ficavam; mas isso era apenas uma classificação formal, pois o espírito que a todas unia era o mesmo.

Os dias da viagem que precederam o Congresso foram uma possibilidade óptima para que nos preparássemos para descobrir novas coisas, para que nos dispuséssemos a abrir a alma sem perder todavia o discernimento bastante para impedir uma entrada em massa do «novo». Quem vai ao estrangeiro sem este equilíbrio entre a abertura de alma e um juízo de valor, arrisca-se a nada entender da Mensagem dos outros povos ou, extremo oposto, a uma despersonalização pela aceitação meramente passiva e indiscriminada que faça.

No comboio tivemos ainda ensejo de afinar o nosso espírito de comunidade através dos pequenos serviços a prestar entre nós, de renúncia a preferências legítimas, de todo o exercício de vontade que traz uma viagem de alguns dias. E à noite, ao fim do primeiro dia, o terço, as Orações da noite e uma exibição folclórica foram um óptimo meio de confraternização com os outros passageiros.

16 de Agosto

Eis-nos chegados a Nottingham e instaladas na cidade universitária.

É ali, naquele ambiente tipicamente inglês, tipicamente universitário que o Congresso vai realizar-se.

Não faltavam sequer os relvados a perder de vista... Que Paz! Que beleza!

Sempre tive a ideia de que a Inglaterra era um país triste; nem admitia, sequer, que pudesse ser de outro modo num país em que o Sol aparece tão raras vezes e sem a intensidade dos países meridionais. Foi esse o primeiro erro que tive de abandonar.

A cidade universitária fica no extremo de Nottingham e é realmente uma cidade autenticamente académica, com seus pavilhões privados, seus campos de jogos, suas culturas. Há os edifícios das aulas e das sessões públicas, os vários colégios e «Halls» de residência.

A delegação portuguesa ficou dividida por vários «Halls» — o «Hugh Stewart», o «Florence Nightingale», o «Wortley» são agora nomes familiares a quantos participam no Congresso.

Este, começou com um solene Pontifical na abadia de Saint Barnabas, na cidade. Foi o primeiro acto em que nos reunimos. Mal acabávamos de chegar e já a união se estabelecera entre os participantes, união que não começara com as apresentações protocolares. Nós todos éramos de há muito conhecidos; de há muito tempo nos tínhamos encontrado num Sacrifício idêntico: aquele a que agora assistíamos em conjunto. Eram as mesmas as nossas preocupações apostólicas, idênticos os ideais que vivíamos... A partir do Ofertório todos nós não éramos mais que um só: muitas hóstias numa Hóstia única, muitos membros mas um só Corpo.

O Santo Padre dirigira uma Mensagem especial ao Congresso. Tínhamos a certeza de que a Igreja estava connosco e isso alargava ainda mais a nossa comunidade; melhor, dava-lhe a amplitude de máximo — Igreja e Catolicidade, expressões idênticas.

Nesse mesmo dia, à noite, foi a recepção oficial. Uma troca de palavras muito breves e o apresentar de cumprimentos aos Bispos que participavam no Congresso.

A Igreja via com agrado a nossa reunião de universitários e intelectuais católicos; nós respondíamos à confiança que a Igreja depositava em cada um de nós, renovando intimamente a nossa promessa de «estar presentes — servir a Igreja», sempre com mais prontidão, cada vez com mais fidelidade.

17 a 25 de Agosto

O desenvolvimento do tema do Congresso «**Da Universidade à Vida — os problemas do jovem diplomado**», começou no dia dezassete de manhã.

Estavam previstas sessões plenárias sobre vários aspectos: («*Le jeune diplômé*»; «*De l'Université à la Vie*»; «*Le plan de l'université dans les perspectives de l'avenir de l'étudiant*»; «*La vie de foi*»; «*L'université et les professions*»; «*La vocation civique et sociale*

du jeune diplômé»; etc.); também sessões parciais de estudo e ainda sessões de tipo cultural ou para exame e crítica das actividades dos Movimentos.

Falar sobre todos os temas nestas notas, seria absurdo; uma apreciação de ordem geral, leviano. Uma coisa é certo — foi uma possibilidade imensa de alargamento, já por nos permitir aferir as nossas ideias, se acaso as tínhamos já formado sobre uma sugestão ou outra que nos ficava das sessões, já pelo que nos obrigavam a ajuizar de diferentes estruturas mentais que fomos encontrar em Nottingham.

Ao fim de cada dia, cantávamos Completas. Era dos momentos mais ricos! Toda a liturgia de Completas é de uma beleza impressionante, do que aliás nem sempre nos apercebemos bem. Mas quando cantadas por um coro de meia centena de vozes é impossível que se possa ficar estranho a tamanha beleza. São os salmos cantados em gregoriano, tão ricos de tempo. Quantas gerações de cristãos ficaram marcadas por tamanha poesia!

São os louvores e censuras que uns aos outros dirigiam com a simplicidade de irmãos que se amam.

É sobretudo o sentido do dia acabado, dia que sabemos não ser nosso, mas do Senhor de tudo — atitude de reconhecimento, de louvor.

Que bom, o momento de cantar Completas!

Todas nós que estivemos no Congresso formulámos propósitos de tornar habitual nos nossos encontros jucistas o Canto da Oração da Noite.

25 de Agosto

O encerramento do Congresso foi na catedral de Westminster. Ali nos reunimos pela última vez; agora, para em conjunto louvarmos o Senhor por todos os dons que nos dispensou durante aqueles dias, para lhe oferecermos todos os resultados a que

chegámos, sobretudo para podermos partir em uma união mais perfeita ainda, porque firmada em Cristo, ratificada com o sinal da Nova Aliança.

E enquanto no Paço Episcopal, ali mesmo junto à Catedral nos despedimos, tínhamos uma certeza firme—para o estabelecer de Comunidade não tinham sido em vão aqueles dias de vivência em comum.

É certo que nós conhecíamos já muito bem toda a orgânica do movimento, que havia um Secretariado Geral em Friburgo e um «Comité Directeur», e sub-secretariados e o «Scrinium», e o jornal.

É certo que tínhamos rezado e oferecido as nossas horas de estudo pelos universitários do mundo inteiro, pelas intenções especiais da «Pax Romana»...

Mas a isto dificilmente sabíamos dar vida. O Congresso veio precisamente eliminar o vazio entre nós é todo o estrutura material que é de Pax Romana mas não é a Pax Romana.

«Pax Romana somos nos outros» como disse o Thom, o futuro Secretário Geral, empregando uma expressão dos espanhóis.

Pax Romana é um ideal que se vive, um ideal que se identifica com o nosso ideal de J.U.C.F. transposto agora no além-fronteiras, um ideal que nós sabemos vivido por este e aquele e aquele outro que nós conhe-

cermos. Já não vemos as Federações estrangeiras em abstracto mas ligadas às pessoas que as representaram com suas aspirações e seus dramas.

É diferente rezar pelas federações exiladas ou ter presentes os lituanos, os húngaros, os checos, os polacos, fugidos do seu próprio país há dez, onze, quinze anos. Todos eles condenados a viver num país estrangeiro (por quanto tempo?) sem nada saberem de suas famílias, das suas casas (mortos os pais, os irmãos? deportados? presos?). Cada um deles reflecte não apenas um drama de refugiado mas o seu drama.

Nós havíamos substituído as concepções abstractas—refugiados, asiáticos, africanos—por relações humanas, de fraternidade cristã.

Disso tínhamos a certeza, quando nos despedimos à saída do Paço Episcopal.

Muitos, a maior parte não voltaríamos a ver-nos; mas para cada um de nós, o «outro» que existia indiferenciado, passou a ser Pessoa.

Esta descoberta foi para mim das mais valiosas que o Congresso me proporcionou fazer.

Setembro, 1955.

Maria Manuela Silva



«Um coração de criança para Deus. Um coração de irmã para o próximo, um coração de Juiz para nós próprios».

DIREITO-LISBOA

NOTÍCIAS DE TODO O MUNDO

A J.U.C.F. na Vice-Presidência da «Pax Romana» — M.I.E.C.

No decurso da recente Assembleia Internacional — realizada de 15 a 17 de Agosto em Leicester (Inglaterra) com a participação de delegadas portuguesas — foi escolhido o novo «Comité Directeur» do M. I. E. C. para 1955-56, tendo sido eleita para desempenhar o cargo de Vice-Presidente a Presidente Geral da J.U.C.F., Maria de Lourdes Pintasilgo, que já em 1954-55 fizera parte do referido «Comité». Mantém-se na presidência o representante da Índia, Joseph Kuriacose, e os restantes membros são delegados de federações da África do Sul, Canadá, Irlanda, Itália, Hungria e Salvador.

Secretariado Geral de Friburgo

Também durante a Assembleia Internacional de Leicester, Bernard Ducret — grande amigo de Portugal, a quem a J.U.C.F. deve sempre o maior apoio e compreensão e que nos distinguiu com a sua presença durante o I Congresso Nacional Jucista — deixou o cargo de Secretário Geral da «Pax Romana» — M.I.E.C., onde durante bastantes anos serviu por forma excepcional, mercê das suas invulgaes capacidades pessoais e extraordinária dedicação à causa do Movimento. Irá desempenhar agora funções em Genebra, no «World University Service», mas foi eleito Membro de Honra de «Pax Romana», em reconhecimento dos serviços inestimáveis que prestou.

O novo Secretário Geral eleito para Friburgo é o holandês Thom Kerstiens, de quem muito há a esperar também. Foi, nos últimos anos, o melhor Presidente da Federação dos Estudantes Católicos da Holanda; esteve alguns anos na Indonésia, onde igualmente se distinguiu; e tem participado em diversas reuniões internacionais da «Pax Romana» — nomeadamente nos dois últimos Congressos Mundiais.

«Pax Romana» à roda do Globo

:: «Pax Romana» enviou ao Brasil, por ocasião do recente Congresso Eucarístico Internacional, uma delegação que tomou parte na Assembleia Geral da «Conferência das Organizações Internacionais Católicas», este ano realizada no Rio de Janeiro.

:: Delegados da «Pax Romana» estiveram também presentes em Birmingham (Inglaterra), onde, de 4 a 14 de Julho passado, teve lugar a 5.ª Conferência Internacional de Estudantes, que se ocupou especialmente de problemas relativos à colaboração prática entre estudantes, no plano internacional.

:: De 20 a 30 de Julho deste ano, desenrolaram-se os trabalhos da Assembleia Geral do «World University Service» (WUS), em Helsínquia (Finlândia), com a presença de Bernard Ducret como delegado da «Pax Romana».

:: De 6 a 16 do passado mês de Agosto, teve lugar, sob os auspícios da «Pax Romana», o anunciado Encontro Internacional de Estudantes Católicos, que anualmente se efectua no Castelo de Geonen, na Westfália (Alemanha). Este ano, o tema geral escolhido foi: «A família no mundo actual», cujo estudo se desdobrou nas seguintes comissões: «A família nas diferentes culturas»; «A família no Islam»; «A família na experiência bolchevista»; «O casamento e a família na ordem da Criação e da Redenção»; «A família na sociedade moderna».

:: Não tendo sido possível levar a efeito, este ano, as habituais «Journées Européennes» da «Pax Romana», realizou-se, contudo, durante o Congresso Mundial de Nottingham, uma «Reunião Europeia», para a discussão de variados problemas de colaboração prática entre as Federações da Europa, filiadas no «Movimento».

:: A Federação de Estudantes Católicos Ucranianos «Obnova» promoveu este ano, em Londres, de 14 a 17 de Agosto, um Congresso Jubilar, para comemoração simultânea do seu 25.º aniversário e do 1.000.º aniversário da entrada do Cristianismo na Ucrânia.

:: A Associação de Estudantes Católicos Lituanos «Ateitis», exilada nos E. U. A., realizou, de 6 a 11 de Setembro último, em Bath (Ohio), a costumada reunião anual dos membros da Federação, preparando as suas actividades para o novo ano.

:: A Associação dos Estudantes Católicos da Indonésia, federada também na «Pax Romana», vai realizar em Jogja Karta, em Dezembro próximo, o seu Congresso anual.

A PALAVRA DA IGREJA

MENSAGEM DO SANTO PADRE

AO XXIII CONGRESSO MUNDIAL DE «PAX ROMANA»



É-Nos particularmente grato endereçar-vos esta Mensagem paterna, queridos estudantes e intelectuais da Pax Romana, reunidos em Nottingham no XXIIIº Congresso Mundial. Testemunhas, nos vossos respectivos países, da vitalidade e da força do pensamento católico, eis-vos reunidos em grande número no solo hospitaleiro dessa nobre nação inglesa, cuja alta cultura foi, desde os tempos mais remotos, embebida de fé cristã. Os vossos trabalhos decorrerão sob a égide do Nosso amado Filho o Cardeal Bernard Griffin, Arcebispo de Westminster, mas nós mesmos queremos estimular o vosso propósito de estudar a condição da juventude intelectual no momento em que esta deixa a Universidade para entrar na vida profissional.

São múltiplas as dificuldades deste período de transição. De modo particular, as da adaptação do jovem diplomado à carreira escolhida e às responsabilidades culturais, económicas e sociais que ela supõe, levantam a questão de saber se a Universidade prepara sempre o estudante de hoje, como convém, para o seu futuro imediato. Mas a sociedade, que o recebe, também tem obrigações próprias, se não há-de iludir a expectativa das gerações novas, mas corresponder às suas legítimas aspirações, num clima de sã liberdade e de confiança. Sobre estes dois pontos, o contributo do vosso Congresso para a causa das elites intelectuais será tanto mais oportuno quanto o desenvolvimento da cultura, em muitos países, abre perspectivas inteiramente novas à juventude, ávida de saber e servir.

A busca de soluções de ordem institucional não deve, todavia, levar a perder de vista a amplitude do problema moral que se apresenta à consciência do jovem diplomado, ao sair da Universidade. Com efeito, os primeiros contactos com o mundo do trabalho vão pôr à prova a solidez da sua formação intelectual e humana, apresentando-se-lhe ao mesmo tempo a defrontação com as dificuldades da existência, a descoberta, a

nova luz, da questão social, o acesso à vida civil e política, a opressão de obrigações profissionais absorventes ou, pelo contrário, a espera angustiosa duma colocação. Simultaneamente, o estudante de ontem encara já a fundação dum lar e os encargos familiares de amanhã. Que virá a ser, durante estes anos, por vezes decisivos, da sua fé e piedade pessoais? Como evitará os escolhos que ameaçam a sua vida religiosa e moral?

Na desorientação que o poderá colher, um filho da Igreja, longe de se fechar num sentimento de autonomia e de independência próprio da idade, procura, pelo contrário, numa comunidade fraternal e ardorosa, o apoio espiritual de que tem necessidade para resistir às seduções do novo meio e orientar as suas energias juvenis. Aos movimentos da Acção Católica cabe neste caso a função decisiva. Por seu intermédio, como pelo de paróquias fervorosas, é a Igreja, sempre maternal, que acolhe estes jovens ansiosos de valorizar os talentos recebidos, de contribuir para o bem dos seus irmãos com trabalho produtivo, e de assumir, na família e na profissão, a devida parte de responsabilidades. A sabedoria dela orientá-los-á para o autêntico serviço da Sociedade, e o seu ministério sacerdotal abrir-lhes-á as nascentes inesgotáveis da graça. Por outro lado, movida pela sua caridade para com o mundo, que tem fome de Deus, ela incita os seus filhos a entrar generosamente nas fileiras do apostolado, onde eles encontram, por acréscimo, na dedicação pelos outros, o antídoto contra o encerramento em si mesmos, e a resposta a múltiplas dificuldades.

Aos Nossos queridos filhos da Pax Romana, sobretudo àqueles que, ao sair da Universidade, enfrentam uma vida nova, endereçamos os Nossos melhores votos pelo êxito das próximas sessões, e concedemos-lhes de todo o coração, em penhor da Nossa constante benevolência, a Nossa paterna Bênção Apostólica.

(Publicado em «Novidades» de 6-9-1955)

E M F É R I A S

Preocupada com todos os agudos problemas da actualidade, especialmente com os que afectam a criança, a J.U.C.F. tomou este verão a seu cargo a orientação da Colónia Infantil «Dr. Mário Madeira».

Pela primeira vez em Portugal, 28 estudantes universitárias, consagraram à educação de 1.200 crianças do distrito de Lisboa, parte das suas férias.

«O que fizerdes ao mais pequenino dos meus em meu Nome...»

* * *

De 29 de Julho a 8 de Agosto, 150 jucistas reuniram-se no Campo de Férias de Abrantes, para estudar alguns aspectos da educação da adolescência.

* * *

Outro grupo de 30 universitárias católicas participou do Congresso de «Pax Romana», realizado de 17 a 25 de Agosto, em Nottingham.

Ouçamos algumas vozes sinceras pronunciarem-se sobre estes três momentos da vida jucista:

EM NOTTINGHAM

«... Não sei se te lembras do que disse a Teresinha Guimarães numa «Presença» referindo-se ao Campo de Férias. Dizia ela que nos C. de F. conhecia-se a J.U.C.F. por dentro... Pois eu achei o mesmo; no Congresso, comecei a conhecer a Pax por dentro...»

A Pax como coisa concreta, como movi-

mento realmente «movimentado», formado por centenas de jovens (e de pessoas crescidas...), tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais, irmanados na mesma Fé e trabalhando para a mesma causa. Para mim, achei esta descoberta formidável, apesar de já conhecer tudo isso em teoria. Foi como que o surgir duma nova dimensão para o meu jucismo...»

NA ERICEIRA

«... Mas agora falemos da Colónia, que é para lá que fogem os meus pensamentos constantemente. Gostava muito de te contar tudo o que a nossa Colónia me ensinou e tudo o que teremos de fazer para o ano...»

... Três dos meus garotos já vieram visitar-me, um dos quais o Zé Manel, duas vezes. Vem a pé do Campo Grande até aqui! São uns amores e nós podemos ter sobre eles uma influência incalculável. É preciso não os deixarmos mais. Pormo-nos em contacto com os párocos das freguesias deles e contar-lhes coisas dos garotos, das famílias e dos *pátios* onde vivem. O Zé Manel vive num *pátio* com mais de 100 portas! Todos os outros vivem em *pátios* e muitos deles em barracas. Estes são os nossos garotos e é muito bom que sejam estes e não outros. *Chamam* por nós tão alto!

É preciso ter presente que a Colónia da Ericeira é um traço de união com eles... Esses mesmos que nos procuram também com o problema da habitação e do salário justo. Precisamos de estar sempre *presentes* junto destes irmãos, vítimas de «injustiça social» que é também injustiça de cada um de nós.

EM ABRANTES

Dar as minhas impressões sobre o campo de férias da JUCF é algo que de antemão me parece muito difícil porque precisamente o que nele mais nos encanta é o que fica gravado nas nossas almas; é, direi, o sulco profundo que marca em cada uma, e que pela sua natureza tão espiritual nos conseguiram comunicar. É esta a razão porque do campo anterior várias jucistas me contaram maravilhas, e não obstante isso foi para mim uma grande e bela surpresa.

Também este ano se realizou em Abrantes no Colégio de Nossa Senhora de Fátima onde se reuniram cerca de 150 universitárias, o dobro das do ano passado, todas empenhadas na resolução de graves problemas, tais como são os referentes à educação e à adolescência. Afinal, esclarecendo-nos sobre eles, tornou-nos ao mesmo tempo conscientes da nossa responsabilidade e se a mantivermos presente, estou certa que mais fecundo se vai tornar o nosso trabalho neste novo ano jucista.

Do campo de férias nós trazemos uma visão geral do que a J.U.C.F. pretende de nós, de como vai ser orientada toda a actividade no próximo ano, o que nos permite coordenar melhor os nossos trabalhos, e finalmente, da imensidade de problemas que a preocupam. Foi uma das coisas que mais me surpreendeu, pois nunca supus que eles fossem tantos, que os nossos horizontes fossem tão vastos e que perante eles as jucistas revelassem tanta generosidade.

Sem dúvida que foram 8 dias de trabalho, mas suavizado por uma alegria verdadeiramente cristã, que tornava os nossos

passeios muito agradáveis e o mais divertidos possível. Fizeram-se vários serões, alguns quase de improviso, o que, talvez, ainda os tornasse mais cómicos.

Era como que uma grande família vivendo num ambiente de paz, confiança e união, porque cada uma sentia que todas as outras eram portadoras daquele ideal que era também o seu. Recordo a sensação um pouco desagradável que as jucistas que vinham comigo e eu sentimos quando já caminhávamos na Avenida da Liberdade; tivemos a impressão que regressávamos de muito longe, de um mundo completamente diferente daquele em que nesse momento voltávamos a viver.

Terminámos os nossos trabalhos com o fogo de campo que tanto nos encheu a alma, e se as nossas forças já estivessem enfraquecidas de certo que ganharíamos novo vigor, porque aquele fogo ateou ainda mais os nossos corações, tornou maior a ânsia de servir. No meio de um silêncio quase absoluto, sentadas no chão, formando um círculo à volta da fogueira, com que emoção olhávamos aquela chama tão viva, representando todos os nossos trabalhos, alegrias, sacrifícios, aspirações, enfim, todo o nosso campo de férias e ainda o fumo que se elevava no ar, como que a transportar tudo para os céus! Por fim, já só restava a cinza... Então retirámo-nos. Que nós, como instrumentos de Deus, saibamos realizar a nossa obra com todo o fogo do nosso amor; que nos saibamos apagar como aquela fogueira do nosso campo, reduzida a cinza, para que, dessa maneira, maior glória seja dada a Deus.

Maria Helena Charters

Se queres traçar o teu sulco direito prende a tua charrua a uma estrela

AGRONOMIA



aqueles que vale a pena ler

Rosalía Castro

Em dívida com a Literatura Espanhola, queremos hoje recordar uma grande poetisa dos fins do século passado que merece a nossa atenção.

Conhecer Rosalía Castro vem a propósito quando sobre a nossa geração pesa a acusação de intelectualista e materializada; aprender os seus poemas será para nós uma cura de sensibilidade muito necessária; e isto porque na obra da poetisa galega encontraremos a ternura fresca de quem pousa a mão, suavemente, sobre uma testa febril.

O seu primeiro livro — «Cantares gallegos» — tem connosco as afinidades linguísticas e temáticas que um matrimónio comum de poesia trovadoresca explica.

Há neles reminiscências das albas ou serenas que são cantigas do amanhecer... Quando os gaiteiros tocam nas romarias de Santiago, vêm-nos à memória aquelas donzelinhas que bailam sob as avelaneiras floridas entre as páginas iluminadas do Cancioneiro da Ajuda... E aqui e além, um refrão embala as rimas como o fazia já há sete séculos em língua galaico-portuguesa...

Não é, porém, em todo este ar de família que a lírica de Rosalía Castro e a nossa lírica mostram possuir, que reside o maior interesse da sua obra. A virtude principal dela parece antes dever-se a um sentimento profundo de amor pátrio, muito simples, muito arreigado na alma de Rosalía, talvez mesmo exageradamente regionalista porque a poetisa isola no seu coração a Galiza onde nasceu, do resto da Espanha que durante longos séculos desprezou aquela

provincia nortenha como ao membro degenerado em que se não revela nenhuma das características da Raça.

Mesmo assim, limitado à provincia natal, o sentimento que a fez cantar nos comove, a nós que, por outro estranho reflexo dos tempos, andamos a perder aos poucos a devoção da Pátria.

Sofrendo como os seus conterrâneos o mal da ausência, a «morriña» que é a saudade traduzida em galego, Rosalía Castro aplicou-se a expressá-la pela voz dos emigrantes que relembram dolorosamente os encantos da sua verde Galiza, mas conseguiu ainda poupar a alma da poesia às rudelias do «social» que vislumbrando-se faria a delícia dos neo-realistas.

É em «Follas Novas», no entanto, que a saudade principia a deixar de ser mansa como a chuva miudinha da sua provincia, para anunciar o travor da angústia a que os poetas mais modernos nos habituaram; e talvez porque melhor correspondam às nossas preocupações actuais, são esses os poemas que em geral mais fundo nos impressionam.

De um e de outro volume, porém, assim como de «En las orillas del Sar», terceiro e último que escreveu, deixamos na Página de Antologia laivos da alma poética de Rosalía Castro para que as raparigas universitárias se encontrem com a delicada sensibilidade de uma intelectual que soube ser simples e profundamente Mulher.

Maria Isabel de Mendonça Soares





*Dicen que no hablan las plantas, ni las fuentes, ni los pájaros,
Ni el onda con sus rumores, ni con su brillo los astros,
Lo dicen, pero no es cierto, pues siempre cuando yo paso
De mi murmuran y exclaman:*

— *Ahí vai la loca soñando*

*Con la eterna primavera de la vida y de los campos,
Y ya bien pronto, bien pronto, tendra los cabellos canos
Y ve temblando, aterrada, que cubre la escarcha el prado.
— Hay canas em mi cabeza, hay en los prados escarcha,
Mas yo prosigo soñando, pobre, incurable sonámbula,
Con la eterna primavera de la vida que se apaga
Y la perenne frescura de los campos y las almas
Aunque los unos se agostan y aunque las outras se abrasan.
Astros y fuentes y flores, no murmuréis de mis sueños:
Sin ellos, cómo admiraros, ni cómo vivir sin ellos?*

Rosalía Castro in «En las orillas del Sar»

Fundação Cuidar o Futuro

AMORES CATIVOS

*Era delor y era cólera,
Era miedo y aversión,
Era un amor sin medida,
Era un castigo de Dios!*

*Qu'hai uns negros amores d'índole penzoñenta
Que privan os espritos, que turban as concencias,
Que morden, s'acariñan, que cuando miran queiman
Que dan dores de rabia, que mancham e qu'afrentam
Máis val morrer de friaxen
Que quentarse à sua fogeira.*

Rosalía Castro, in «Follas Novas»

A ACTUALIDADE

EDIÇÕES DA A.C.P.

CAMPANAS DE BASTABALES

*Paseniño, paseniño,
Vou pol-a tarde calada,
De Bastabales camiño.*

*Camiño d'o meu contento;
Y en tanto o sol non se
[esconde,
N-unha pedriña me sento.*

*E sentada estou mirando
Cómo' a lua vai saíndo,
Cómo o sol se vai deitando.*

*Cál se deita, cál se esconde,
Mentras tanto corre a lua
Sin saberse para donde.*

*Para donde vai tan soya,
Sin qu'és triste qu'a miramos
Nin nos fale nin nos oya.*

*Que si oíra e nos falara,
Moitas cousas lle dixera,
Moitas cousas lle cantara.*

Rosalía Castro, in «Cantares Gallegos»

Nos últimos tempos tem-se verificado um notável progresso nas edições de A. C. P., não só porque as obras se têm multiplicado com um ritmo animador como também pela categoria dos temas e dos autores escolhidos. Este facto é uma esperança do despertar dos católicos para a necessidade de uma formação cristã conveniente e esclarecida. E nós, que até agora não estamos habituados (é triste confessá-lo!) a ver nas montanhas das livrarias publicações desta índole e em língua portuguesa, temos de confessar que a semente está a ser lançada. Sejam os homens (e os cristãos) campo fértil em que ela possa germinar e produzir os seus frutos.

Referimos a título de exemplo algumas das obras que um pouco mais de um ano foram editadas pela A. C. P.

Sobre pedagogia infantil, tema em que a Acção Católica está particularmente interessada, fez-se a tradução duma obra notável, «Arte das Artes: educar uma criança» (Dühr) e ainda a publicação de uma brochura de carácter prático cheia de interesse «Sugestões para actividades infantis» (edição da J. C. F.).

No campo de Moral Cristã apareceram em tradução dois magníficos volumes «Retorno a Cristo» e «Libertação» que se integram numa obra do Cónego Leclercq que tem por título no original «Essais de Morale Catholique».

Recentemente acabaram de ser publicados «Actualidade do Diabo» (Cristiani) e «Sentido Cristão e Vida Social» (Cónego Tiberghien).

Sobre este último faremos algumas considerações mais demoradas.

SENTIDO CRISTÃO E VIDA SOCIAL

Não me parece que alguém possa pôr em dúvida ser esta época em que vivemos de acentuada inquietação pelo social. Ao indiferentismo e passividade do século passado perante os problemas sociais, sucederam-se movimentos mais ou menos revolucionários. Ao referi-los e sem pretender discutir e aprofundar os princípios que os norteavam temos em vista fazer notar a repercussão que os mesmos tiveram no levantar do problema que passou a ser um dos pontos de discussão e um centro de interesse de grande parte da população. E assim é que, em qualquer sector da opinião pública (inclusive o meio universitário) os problemas sociais são aqueles que mais aglutinam as massas. Todavia há que contar que, a par de uma agitação à roda do tema, persiste uma ignorância acerca da problemática que a resolução do conflito levanta, o que é sério motivo de apreensão para quantos se interessam verdadeiramente pelo assunto. Mesmo entre alguns dos responsáveis (e estamos a pensar por exemplo nos universitários chamados mais cedo ou mais tarde a assumirem posições de relevo na sociedade...) o nível de conhecimento não é animador.

Discute-se, vai-se até o ponto de esboçar soluções com facilidade extrema, mas onde aqueles que procuram ter uma consciência esclarecida? onde aqueles que pela reflexão procuram discernir as verdadeiras causas do conflito?

E não se diga que a bibliografia neste campo é escassa pois que muito justamente o tema tem atraído nomes de grandes vultos que em linguagem técnica e não técnica, têm lançado no mercado o fruto do seu labor intelectual.

O livro que a A. C. P. acaba de editar «Sentido Cristão e Vida Social» vem contar-se entre aqueles que se destinam a dar uma visão da questão social a não iniciados. Não que o conteúdo do livro perca em profundidade, mas porque o seu autor delibera-

damente quis dar ao seu trabalho esta orientação.

Ele próprio o confessa quando diz «é em especial para os militantes da Acção Católica que escrevemos este livro». Nós que acabámos agora a sua leitura temos a convicção de que sobretudo os membros dos organismos universitários não deverão prescindir do estudo desta obra. Será ela um meio de chegar ao conhecimento do Pensamento da Igreja acerca da Questão Social, de aferirmos por ele as nossas próprias convicções; oferece-nos também uma oportunidade de entrarmos em contacto com alguns problemas sobre os quais se debruçam teólogos, economistas e sociólogos.

Há um aspecto que queremos ainda fazer ressaltar de todo o livro. É a consciência profunda que o Autor tem de que toda e qualquer reforma das estruturas (indispensável aliás para salvaguarda e garantia dos direitos da pessoa humana) terá fatalmente de ter na base a reforma do próprio Homem. Isto afinal não é novidade na doutrinação cristã. De há muito e ainda antes que os homens se levantassem a clamar contra a injustiça social que a Igreja tomou essa posição e preconizou reformas de ordem institucional mas sem nunca esquecer que a Instituição é dos homens, feita para estes e que portanto a reforma é inoperante se o mesmo homem se não deixar informar pelos princípios que quer fazer triunfar nas Instituições que preconiza. E porque nem sempre esta premissa é respeitada na nossa actuação do dia a dia (embora lhe reconheçamos validade na axiomática) me parece louvável todo o cuidado do Autor em lhe dar relevo e de toda a vantagem que, quando da leitura desta obra, nos deixemos penetrar nós próprios pelos princípios que a informam.

Quer queiramos quer não, estamos comprometidos na Questão Social. Ela é, em certa medida, provocada por nós. Também em certa medida, nós temos alguma coisa com que contribuir para a sua resolução.

M. Manuela Silva



ESCAPATÓRIAS VÃS

A única maneira de escapar a esta subordinação essencial (ao Absoluto) é dizer que «tudo é relativo». Mas, se, ao fazermos essa declaração, queremos afirmar qualquer coisa de verdade que a todos se impõe, esbarramos, por isso mesmo, no Absoluto, cujo direito sobre nós se pretende negar.

É que nem num aspecto limitado pode haver «Verdade relativa».

Sendo assim, se um marxista diz que o materialismo dialéctico é verdadeiro, deixa de ser materialista no fazer esta afirmação, porque um materialismo integral lhe não permite recorrer a esta noção de verdade, que ultrapassa o próprio materialismo.

.....
Não podemos fugir-lhe (ao Absoluto): pela sua natureza, o espírito está à altura do Absoluto, que é a atmosfera em que respira e fora da qual morre asfixiado, pois logicamente tem de abster-se de pronunciar-se seja sobre o que for, o que é impossível. O homem não pode viver no relativo. Afirma a existência do Absoluto no próprio momento em que pretende negá-lo. O Absoluto a única esfera, onde os espíritos podem encontrar-se; fora dela, caem no isolamento da sua individualidade. Na verdade, como é possível, entre espíritos, discutir, se não se admitir, que, afinal, a verdade fará o desempate com um veredicto que *vale absolutamente*? Enquanto os espíritos se contentarem em expor o que lhes parece ser a discussão será interminável. Quando, porém, disserem «é», encontram-se no nível em que a discussão, apelando para a Verdade, os unirá ou oporá numa afirmação absoluta.

Esta exigência de Absoluto que caracteriza o espírito, afirma-se ainda na educação, se a considerarmos, não apenas sob o aspecto psicológico, mas sob o aspecto me-

tafísico, segundo o qual menos vezes é encarado. Efectivamente, sob o aspecto metafísico, educar uma criança, é iniciá-la nos valores absolutos: é habituá-la a sujeitar-se à verdade, à beleza, ao bem. Mais profundamente deveremos dizer que é torná-la sensível aos contactos divinos.

Todo o professor que sobe a uma cátedra, pretendendo não expor aos seus alunos verdades, que, por eles aceites, lhes impõem uma sujeição, é indigno de ensinar. Um moralista pode muito bem fazer a história dos diversos sistemas de moral sem tomar partido sobre a sua verdade. É, porém, obrigado a dizer que a sua exposição é verdadeira e no momento em que o diz, encontra o Absoluto como se fosse uma armadilha de que não pudesse escapar, armadilha junto da qual Deus espera dele uma inevitável homenagem, que, se preciso for, lhe será arrancada à força.

(De «Sentido Cristão e Vida Social», pág. 87)

... ir-se-á compreendendo cada vez melhor que, se o católico intencionalmente deve centrar toda a sua vida interior em Cristo, conhecido, amado e servido, deve, por outro lado, na sua actuação exterior, procurar pôr a sua actividade, conforme o objectivo da sua actuação é de ordem religiosa ou temporal, ao serviço dos diversos organismos da Igreja ou do Estado.

Uma das funções essenciais da Acção Católica será pois, a de formar cristãos capazes de exercer cristãmente a sua autonomia cívica, que se não fechem em si, mas que se unam, como cidadãos, com os outros cidadãos para resolver a questão social com o interesse do seu país.

(De «Sentido Cristão e Vida Social», pág. 27)

Fundação Cuidar o Futuro

DESENHO DE
JOSÉ ESCADO

Fundação Cuidar o Futuro

Tip. das Escolas Profissionais Salesianas—Of. de S. José—Trav. dos Prazeres, 34 Lisboa